

EDITORIAL

Caminhos em Linguística Aplicada, uma publicação online do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, chega ao seu 19º volume, com dez trabalhos científicos, cujos aportes teóricos, temáticas e objetivos apontam para uma produção acadêmica cada vez mais profícua nas diversas áreas de estudo da Linguística Aplicada. Esse fato nos leva a crer que *Caminhos em Linguística Aplicada* está, cada vez mais, se consolidando no meio acadêmico, o que é um motivo de orgulho para todos nós, que acompanhamos, desde o volume número 1, todo o processo de divulgação nas instituições, para que os pesquisadores se sentissem interessados em submeter seus trabalhos acadêmicos para publicação neste periódico.

Para facilitar a organização e a leitura desta edição, agrupamos os artigos conforme os seguintes temas: ensino e material didático de Língua Estrangeira, ensino e material didático de Língua Portuguesa e Literatura, os gêneros discursivos e sua produção textual escrita e, finalmente, análise de aspectos enunciativos e discursivos em contextos escolares.

Com a temática relativa ao ensino e material didático de Língua Estrangeira, apresentam-se três artigos. No primeiro, intitulado *Sujeito discursivo na publicidade de uma escola de Língua Inglesa*, Giselly Tiago Ribeiro Amado, da Universidade Federal de Uberlândia, propõe-se a discutir a relação sujeito no discurso publicitário de uma escola particular de Língua Inglesa no Brasil. Para a consecução desse objetivo, seu objeto de análise foi uma matéria veiculada em uma revista *online* em 2016, bem como os anúncios audiovisuais que mostram a nova campanha publicitária desta escola, sob o tema “inglês chato ninguém merece”. A metodologia de trabalho está vinculada à Análise de Discurso de tradição pecheutiana, com contribuições de Foucault nas relações de saber-poder. Para esta linha teórica, o que importa não é a interpretação de frases fechadas em si, mas o discurso e todo o caráter histórico que o envolve, pois o sujeito não é a origem do sentido e se revela na discursividade, momento em que denuncia sua posição ideológica. Ao analisar a posição sujeito nas formações discursivas, a autora possibilita a compreensão do funcionamento em que o sujeito se constitui no discurso da publicidade analisada.

No segundo artigo, *Crenças de alunos e professor sobre o uso da língua materna na aprendizagem da língua estrangeira*, Marília da Silva Corrêa Lemos, da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP), discute sobre o uso da LM durante o aprendizado de uma LE conforme duas vertentes: aqueles que observam a LM como limitadora da aprendizagem de uma LE, e aqueles que a observam como facilitadora de tal aprendizagem. Valendo-se dessa questão, a autora apresenta uma pesquisa, de caráter qualitativo e base etnográfica, para investigar as (pré)concepções de aprendizes adultos e um professor a respeito da relação entre Língua Materna e Língua Estrangeira para verificar a ocorrência do uso de ambas as línguas no âmbito de uma sala de aula de língua inglesa de nível básico de um Centro de Ensino de Línguas de uma universidade pública do interior paulista. Os resultados apresentaram uma convergência de opiniões entre professor e alunos, que acreditavam que a LM deveria ser utilizada com a finalidade de esclarecer tarefas e vocabulário. Entretanto, a observação de aulas mostrou que o uso da LM não se restringia às concepções dos participantes, assumindo outras importantes funções.

No terceiro artigo, *'Expertise' profissional em material didático de inglês: a aprendizagem como dimensão do trabalho do técnico em eletromecânica*, Carlos Fabiano de Souza, do Instituto Federal Fluminense, discute a maneira pela qual dois materiais didáticos produzidos por uma editora estrangeira, voltados para o ensino de inglês em programas de formação profissional de nível técnico, tendem a materializar discursivamente oportunidades de aprendizagem via **expertise profissional** do técnico em eletromecânica, particularmente entendida como uma dimensão da situação de trabalho. A análise, sob a perspectiva ergológica em interlocução com a sociologia do discurso do Círculo de Bakhtin, evidencia que a aprendizagem via **expertise profissional** se constitui como uma dimensão que interpenetra as trocas verbais entre os membros do coletivo, o que reforça a produtividade da presença de enunciados que dão a ver essa competência, postos em circulação, no uso que se faz do idioma alvo nos materiais investigados.

Quanto ao tema relativo ao ensino e material didático de Língua Portuguesa e Literatura, vamos encontrar quatro artigos. Em *Gêneros textuais e linguagem científica em livros didáticos de Língua Portuguesa dos anos iniciais do Ensino Fundamental*, Tânia Guedes Magalhães, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Thayane Viana Fonseca, da Rede Municipal de Coronel Pacheco (MG) e Anna Carolina Santos Reis Dalamura, do Instituto Granbery, em Juiz de Fora, apresentam os resultados de uma pesquisa realizada em livros didáticos de Língua Portuguesa de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, com o intuito de analisar a linguagem científica em gêneros textuais. Primeiramente, foi feito um breve

levantamento de características dessa linguagem. Em seguida, procedeu-se a uma análise documental de três coleções de livros aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (2012). Os dados apontam para uma pequena presença de gêneros textuais de discurso científico de forma mais sistematizada, o que parece evidenciar a existência de uma lacuna na exploração de características linguísticas dos gêneros da esfera científica no ensino de linguagem nos anos iniciais, etapa escolar em que deveriam se iniciar os trabalhos reflexivos sobre a linguagem dessa natureza com vistas a uma educação linguística mais eficiente.

Já em *O desenvolvimento de agência em sala de aula: o resgate da voz discente nas aulas de língua portuguesa e literatura*, Rodolfo Meissner Rolando, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, considera que as aulas de língua e literatura, quando organizadas em uma perspectiva tradicional, contribuem para o silenciamento discente, o que dificulta o surgimento da criatividade e do pensamento crítico em sala de aula. Por esse motivo, faz-se necessário (re)pensar a organização dessas aulas a fim de recuperar o seu potencial crítico e transformativo. A partir dessa contextualização, o autor discute, à luz da Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural, o modo pelo qual o desenvolvimento de agência pode contribuir para superar as “ações silenciadoras” ainda observáveis em práticas tradicionais nas aulas de língua portuguesa e literatura. Por meio dessa discussão, o trabalho busca contribuir para ressignificar o ensino-aprendizagem de língua e literatura de forma a valorizar a autonomia e a criticidade dos sujeitos em sala de aula.

No sexto artigo, intitulado *Ensino de texto na educação básica: formulando e reformulando práticas*, Daniela Favero Netto, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresenta uma análise dialógica dos textos produzidos por alunos do segundo ano do Colégio de Aplicação da UFRGS. Durante as práticas, foram realizadas anotações sobre comentários, perguntas e situações consideradas importantes para a análise. Com o objetivo de não só analisar as qualidades discursivas e sua contribuição para o aprimoramento dos textos, mas também discorrer sobre os efeitos práticos da leitura oral dos textos em aula, a autora conclui que as discussões levaram os alunos à busca da significação de termos utilizados, à reorganização de ideias e a uma nova abordagem para tornar claro o texto. Além disso, a atividade propiciou o reconhecimento concreto do interlocutor, pois os textos foram produzidos para leitores daquela esfera comum. A autora finaliza suas considerações evidenciando que é preciso desenvolver estratégias para que os alunos se sintam capazes de produzir conhecimento, habilidade que também o professor precisa exercitar para melhor auxiliá-los.

Em seguida, o artigo *A prática de escrita na escola: considerações sobre gêneros e contexto*, de Arisberto Gomes de Souza e Maria do Socorro Oliveira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, visa refletir acerca do modo pelo qual ocorrem as práticas de escrita na escola. Especificamente, os autores buscam compreender o verdadeiro cotidiano de práticas de escrita de estudantes e as relações que se estabelecem entre o fazer escolar e as múltiplas possibilidades de práticas de escrita de outras instâncias sociais. Para a geração de dados, foram utilizadas observações em sala de aula e entrevistas com alunos de séries regulares do ensino médio de uma escola pública. Os resultados mostram que a exploração de textos na escola precisa se aproximar da vivência de situações em que sujeitos atuam verdadeiramente, de acordo com as particularidades requeridas no meio social.

Em se tratando do tema relativo à análise de aspectos enunciativos, o artigo *A responsabilidade enunciativa no discurso escolar*, de Anderson Ferreira e Ramon Silva Chaves, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, examina a responsabilidade enunciativa no discurso escolar contido no Caderno do Aluno da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo-SEESP, focalizando a disciplina de História no Ensino Fundamental II. Os autores têm, como objetivos, verificar a tensão entre o modo de enunciação e a necessidade do posicionamento social, corretor das falhas éticas na construção étnico-racial brasileira deste discurso, em conformidade com a Lei 10. 639/2003, bem como identificar o modo de tratamento temático oferecido pela instância política-educacional à questão étnico-racial. Visam também alocar a ideia de um arqui-enunciador como responsável pela enunciação. Como *corpus* de análise, foi selecionada uma Situação de Aprendizagem contida no Caderno do 7º ano, 4º bimestre do Ensino Fundamental II. Com base no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso em sua perspectiva enunciativo-discursiva, os autores mobilizaram a categoria de responsabilidade enunciativa. A análise evidenciou que o discurso escolar se caracteriza por um modo de enunciação mediativo, marcador de zonas textuais dependentes de um saber em seu estatuto de mediação epistêmica, que, no caso da questão étnico-racial brasileira, constrói um dizer silencioso acerca do enunciado. O silêncio enunciativo e o apagamento dos sujeitos históricos reproduzem as sociabilidades racistas.

No artigo *intitulado Identidade e posições-sujeito: uma análise dos processos discursivos na constituição identitária do professor-supervisor de corretores de textos*, Viviane Dinês de Oliveira Ribeiro Bartho, do Instituto Federal de São Paulo – campus Campos do Jordão, discute sobre algumas concepções de identidade e elege a Análise do Discurso de perspectiva francesa como enfoque teórico. Especificamente, a autora analisa os processos de constituição identitária em recortes discursivos de um corpus composto por relatórios de

supervisão redigidos por uma professora-supervisora a uma corretora em estágio de treinamento para correção de redações. Os resultados apontam que os processos identitários observados denunciam a filiação da supervisora a identidades diferentes: ora sua filiação se dá ao discurso de escola tradicional, em que o professor detém saber e poder sobre o aluno; ora essa filiação se dá ao discurso da escola contemporânea, em que as práticas pedagógicas pretendem uma aproximação ao aluno, de forma a estabelecer relação de igualdade entre aluno e professor. Essas filiações denunciam a heterogeneidade identitária de que os sujeitos são constituídos.

No seção destinada às resenhas, apresentamos o trabalho de Diego Napoleão Viana Azevedo da Universidade Federal de Santa Catarina, que discorre sobre a obra *Produção e avaliação de materiais didáticos em língua materna e estrangeira*, de Jefferson Ferro e Juliana Cristina Faggion Bergmann. Considera que, em razão da multiplicidade de situações em que o ensino-aprendizagem de línguas pode ocorrer, os autores preferem seguir uma postura não prescritiva, buscando promover uma reflexão de ordem geral acerca dos aspectos que consideram determinantes para uma prática pedagógica significativa. Neste sentido, Ferro e Bergmann não adotam declaradamente nenhuma abordagem de ensino de línguas em específico no decorrer da obra, porém percebe-se o uso privilegiado de críticas e/ou preceitos advindos da abordagem comunicativa para esclarecer ou fundamentar determinados questionamentos.

Esperamos que a leitura deste exemplar possa ser produtiva a todos os estudiosos e pesquisadores da Linguística Aplicada.

Agradecemos a todos aqueles que, direta e indiretamente, contribuíram com a publicação e divulgação deste número da Revista Caminhos em Linguística Aplicada: autores, pareceristas, professores do Programa de Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté e estagiários.

Prof.^ª Dr.^ª Eliana Vianna Brito Kozma

Prof. Dr. Carlos Alberto de Oliveira

Editores